

albania

terra do homem novo

2

Jul. / Agos. 75



ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL ALBÂNIA

NESTE NÚMERO

A Luta de Libertação Nacional	pag.	1
O Homem á'o Objectivo	"	4
O Exército e o Povo na Albânia	"	6
Publicações da Associação	"	7
O 1º de Maio - Sob o Signo do Internacionalismo Proletário	"	8
Porque é que na Albânia não há Inflacção	"	10
Uma maneira errada de divulgar a História da Albânia	"	11
A Causa da Crise Alimentar no Mundo	"	12
Gilbert Mury, Secretário-Geral das AAFAs, faleceu	"	13
Aniversário do Congresso de Permeti	"	14
A Vida da Associação	"	16
Programa (extractos)	"	17

Permanencias na sede

Para tratar todos os assuntos referentes à Associação, como seja o pagamento de cotas, pedidos de material, compra de textos, informações.....

2ª feira, das 15h às 19,30h.
21h às 24h.

4ª feira, das 15h às 19,30h.
21h às 24h.

6^a feira, das 21h às 24h.

Sábado, das 15h às 19,30h.

Sedes da A.A.P.-A.

Porto (direcção nacional): Rua D. João IV, 380 1º - Porto

Lisboa: Rua da Alegria, 76 2esq - Lisboa

Almada: Rua Capitão Leitão 81 A - Almada

para correspondência : apartado 519 Porto ou apartado 2435 Lisboa

A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL



A invasão da Albânia pelas tropas fascistas de Mussolini não constituiu o primeiro golpe na independência do país. Os imperialistas italianos já muito antes tinham demonstrado cobiçar o país de onde tinham sido expulsos pela resistência popular em 1920. Nos últimos 15 anos antes da invasão italiana, o aventureiro Ahmet Zogu, instalado no poder contra a vontade do povo e proclamado rei, por suas próprias mãos, tinha diligentemente vendido as riquezas do país a interesses estrangeiros — especialmente italianos. Assim, quando o exército de Mussolini invadiu a Al-

bânia, estava a completar uma obra de sapa contra a independência, que já vinha de longe.

Quando os exércitos italianos entram no país, afim de se apoderarem de posições estratégicas de partida para o ataque aos outros povos balcânicos, aqueles que tinham apoiado a política de terror e de leilão de Zogu, puseram-se imediatamente ao serviço dos novos senhores, a fim de conservarem os seus privilégios: são os grandes proprietários agrários, a grande burguesia mercantil e a burguesia rural, os senhores feudais das regiões montanhosas.

A resistência ao invasor só pode partir portanto, daqueles que não têm privilégios a defender, dos criadores da riqueza, dos que fazem girar as máquinas e retiram do solo os minérios e os cereais, de intelectuais revolucionários e patriotas, de um ou outro oficial do exército que coloca a sua experiência ao serviço do povo contra os seus inimigos externos.

A luta contra o invasor italiano e depois contra o invasor alemão, não é a única luta antifascista que se trava na Europa: gregos e jugoslavos, vizinhos da Albânia, combatem contra o mesmo



inimigo; os povos da União Soviética demonstram que é possível lutar victoriosamente contra um inimigo muito mais forte em homens e material, dando um exemplo que galvanizará muitos combatentes por esse mundo fora.

O principal motor da resistência albanesa foi o Partido Comunista constituído durante a guerra e que colocava à cabeça das suas preocupações a reconquista da independência nacional. Não foi fácil a luta pela sua constituição, nem a luta de armas na mão contra numerosos e bem armados e apoiados inimigos.

Os primeiros grupos comunistas constituídos, na Albânia, não se entenderam entre si durante muito tempo; que entendimento poderia haver entre homens que se recusavam a saírem dos seus gabinetes de estudo e a entrar na luta, homens que falavam em nome de partidos fantasmas, que não existiam senão nos seus cérebros, ambiciosos, homens que pretendiam servir-se das lutas dos trabalhadores para apoio das suas manobras, destinadas a caçar posições de relevo e autoridade, e homens since-

ramente revolucionários, dedicados ao povo e ao país, desejosos de lutar pela liberdade e pela revolução no seu país? Evidentemente, o acordo era impossível enquanto não se processasse uma depuração profunda das fileiras de cada um e de todos os grupos. Não foi fácil nem rápido este processo de clarificação, antes foi árduo, longo e tortuoso, mas, uma vez conseguido um entendimento em bases sãs dos grupos, surgiu uma força organizada e forte, combativa, dedicada aos interesses do país e dos trabalhadores, dirigida por homens como Enver Hoxha e Mehmet Shehu.

Rápidamente, pela justiça das suas posições e da sua actividade, o PCA impos-se como a principal força patriótica, capaz de dirigir toda a luta à escala do país inteiro. Aglutinou em seu torno todas as forças nacionalistas honestas, independentemente da sua origem social, da sua religião ou da sua filiação ideológica, constituindo assim uma Frente de Libertação Nacional, que por todo o país foi instalando o poder popular, reor-

ganizando a economia das regiões libertadas à custa do sangue vertido pelo Exército de Libertação Nacional.

Que era o Exército de Libertação Nacional? De início, não passava de umas dezenas de guerrilheiros mal armados, em perigo constante de aniquilamento, espelhados pelas zonas de mais difícil acesso do país, mas pouco a pouco foi alargando as suas fileiras, constituindo unidades regulares, batalhões primeiro, brigadas e divisões em seguida. Amado pelo povo, que via nos seus combatentes amigos e libertadores, sobreviveu a todas as campanhas de extermínio lançadas pelas forças italianas e alemãs, alertou os soldados italianos para a necessidade de uma luta comum contra o fascismo de mussolini, inimigo comum dos povos albanês e italiano, mostrou ao povo que tanto eram seus inimigos os fas-



cistas estrangeiros, como os políticos nacionais que, depois de terem ajudado Zogu a vender o país surgiam de vez em quando a falar de "patriotismo", enquanto nas costas do povo preparavam o massacre dos patriotas e entra-



vam em acordos pra a entrega do país a novos dominadores: os anglo-americanos.

Mehmet Shehu define bem os princípios que fizeram deste exército meio descalço e mal armado o vencedor da luta de libertação nacional: "Num combate travado na planície ou na montanha, em todas as circunstâncias, em todo o terreno e em qualquer momento, o elemento Homem é o factor decisivo que decide da sorte da batalha, qualquer que seja o desenvolvimento das armas. Um pequeno exército pode triunfar de um exército maior (superior pelo número dos efectivos e dos meios) se este pequeno exército sustenta uma luta justa, e os homens que o compõem são politicamente conscientes do caracter justo da luta que travam, unidos como um só corpo para a vitória sobre o inimigo; resolvidos a dar até ao fim a sua última gota de sangue para alcançar a vitória, e bem treinados para galgar qualquer dificuldade no combate. Nos campos de batalha o homem não pode substituir a arma, mas a arma não pode nunca liquidar o papel do

homem: sem o homem, a arma torna-se um pedaço de ferro inerte, sem alma, sem poder".

De onde vinha a consciência política dos combatentes do ELN? não podia vir daqueles que tinham vendido o país, mas sim dos que lutavam contra os vendilhões e pela independência; não podia vir dos que se tinham de agarrar a todos os recursos e expedientes para conservar os privilégios, mas do que lutavam para acabar de uma vez para sempre com a Albânia do arado de madeira e das cabanas de adobe, do candeiro a petróleo, do analfabetismo e da malária.

Atente-se num aspecto importante da luta do povo albanês: não era o exército popular que dirigia a guerra. A guerra era dirigida pelo povo, organizado em conselhos nas regiões libertadas e mesmo, clandestinamente, nas cidades ocupadas; os Conselhos Populares organizavam e dirigiam todas as actividades do país, recolhiam os interesses do povo e correspondiam a estes interesses, sob a direcção do PCA. Aí estava a diferença essencial: um Partido ao serviço dos

interesses do povo contra os exploradores e invasores, uma Frente que o apoiava e servia de enlace entre ele e as massas populares, um exército saído do povo e que lutava pelo povo.

Quando, em Novembro de 1944, a Albânia se libertou completamente, a luta não chega ao fim. A luta transforma-se: passa a ser uma luta pela abolição da exploração e da miséria, da ignorância e da doença, e ao mesmo tempo uma luta pela conservação da independência nacional. Já tem 30 anos essa luta.

A Albânia de depois de 1944 já não é a mesma que antes de 1944; a Albânia do progresso e da cultura, o país onde se constrói o homem novo, é um inesgotável manancial de lições sobre a construção de uma sociedade nova que procuraremos transmitir aos leitores desta revista.

O HOMEM É O OBJECTIVO!...

artigo de IBRAHIM ÇAVOLLI

Assistíamos há algumas horas à reunião organizada pela presidência da Frente Democrática. Pensávamos todos que acabaria cedo, pois tratava-se somente de chamar a atenção e aconselhar o jovem Astrit N., que já por várias ocasiões nos tinha criado problemas. Usou da palavra em primeiro lugar o presidente da Frente que, nos tempos da luta de Libertação tinha sido comandante dum batalhão de guerrilheiros. Falando clara e pausadamente fez a crítica ao jovem: "Não tens vergonha de vagabundear pelas enquanto todo o povo trabalha?"

Para nosso assombro, o jovem respondeu muito sério e com a maior avontade: "Não quero trabalhar! E que vos importa isso a vocês? Não lhes pedi que me sustentassem!."

Compreendemos então que a reunião não terminaria com uma simples advertência ou um conselho, mas que se prolongaria mais. O presidente com um tom mais suave e sem se apressar, prosseguiu:

"Então não queres trabalhar, não é? Nós suplicamos-te e tu não queres! Mudaste cinco vezes de emprego. Eu, com a tua idade, ia com o meu pai vagar pelas ruas do mercado velho, onde se encontra hoje o Palácio da Cultura, à procura de trabalho. Esperávamos todo o dia que alguém tivesse necessidade dos nossos braços. A maior parte das vezes regressávamos a casa sem ter conseguido nada, desesperados, feridos,



pois eram muitas as bocas para alimentar. Em contrapartida, hoje, tu encontras a mesa posta; trabalham o teu pai, a tua mãe e o teu irmão, enquanto que tu..."

O jovem moveu-se na cadeira, dando mostras de uma certa intranquilidade. Parecia que estas palavras o tinham ofendido e queria dizer algo; mas usou da palavra o velho mestre Lázaro L., membro da presidência, para dizer:

"Mais de metade da nossa população nasceu durante o Poder Popular. Isto significa que mais de metade da população não sabe o que é o medo de ficar sem emprego. Não conhece o desemprego, esse terrível mal do passado. Mas deves saber bem, filho, que para acabar com ele tiveram de derramar o seu sangue 28000 mártires, e não te esqueças que este mal, como um fantasma aterrador, gira em volta do mundo, onde há mais de

100 milhões de desempregados que vivem na miséria."

A reunião tinha lugar numa sala em cujas paredes se podiam ver gráficos e diagramas. Olhei para um gráfico e li: durante os anos de Poder Popular, construíram-se 234 000 apartamentos: isto significa que mais de metade da população está alojada em casas novas. Ao lado, num cartaz, escrito em grandes letras estava: "O rendimento per capita em 1972, em comparação com o de 1950, aumentou 2,3 vezes. O seu crescimento é 2,3 vezes superior ao da população."

O mestre continuava explicando ao jovem:

"Escuta, filho, actualmente 698 900 pessoas frequentam cursos, ou melhor dizendo, uma em três pessoas estuda. Mas sabes quanto dinheiro é preciso para isso? Tu com 2,5 leks, compras um bilhete pa-

ra o teatro mas acaso saberás que ao Estado isso custa 30 leks? Compras um quilo de açúcar oito vezes mais barato do que custa ao Estado no mercado internacional. Se nenhum de nós trabalhasse como poderíamos fazer frente a esta situação? De onde sai tudo isto senão do nosso trabalho? Trabalhamos todos para que a nossa vida seja cada vez melhor e tudo o que se faz é para o bem do homem e para a sua felicidade".

Muito mais pessoas fizeram uso da palavra na reunião: a jovem Liri N., torneira mecânica destacada e membro da presidência, a veterana activista da organização, Shega S., fundador de aço Merkur Kh..

A reunião prolongou-se durante muitas horas. Qualquer de nós poderia ter passado aquela tarde de verão de uma maneira mais divertida, mas algo de muito grave nos preocupava; um de nós não queria trabalhar. Esta preocupação, este cuidado, crescia cada vez mais em nós ao pensar que constituíamos somente uma organização entre as muitas que velam pelo homem.

Isto é só um aspecto parcial da característica fundamental da nossa sociedade, onde tudo se faz para o homem. No nosso país o cuidado pelo ser humano começa desde o nascimento. Inclusive antes de nascer as leis estipulam 6 semanas de descanso remunerado para a mãe grávida, assim como todos os gastos necessários para o recém-nascido. Depois do parto goza de outras seis semanas de descanso pago. Tanto nos infantários, como nos jardins de infância, os pais pagam 40%

dos gastos destas instituições. A Albânia é o único país do mundo onde não se cobram impostos. É um dos poucos países totalmente electrificados. Este ano concluiu-se também a instalação da rede telefónica em todas as aldeias. Prosseguem os trabalhos para ~~as~~ unir por estrada e para as abastecer de água potável. A criação de hospedarias também no campo é outro testemunho do interesse do Estado pelo homem. Até os gastos da previdência recaem sobre o conjunto da sociedade.

"Eu, disse a veterana activista, Shega S., estive cinco meses hospitalizada até me curar. Só em medicamentos e alimentação, os gastos da minha doença elevaram-se a seis mil leks. Pensa por momento, filho, quantos hospitais e doentes há em todo o país. Todos os doentes recebem tratamento médico gratuito graças ao Estado, enquanto continuam a receber o mesmo ordenado".

"No fim de contas o bem estar cria-se com o trabalho. Sem trabalho não há bem estar, disse outro membro da presidência. Por isso, ter traba-

lho garantido, é o melhor que a nossa sociedade fez pelo homem".

O Homem! Que grandiosa é esta palavra. Em todas as linguas do mundo suscita respeito, porque a sua inteligência e as suas hábeis mãos transformaram o mundo. Mas nem em todas as partes do mundo ocupa o lugar que lhe corresponde. Há 30 anos, no nosso país, a imensa maioria dos homens sofria o desprezo e a opressão das classes que viviam parasitariamente. Ainda hoje, milhões de homens vivem no mundo em estado de humilhação e de miséria.

Saimos ao anoitecer da reunião com os candeeiros das ruas já acesos. Nos edifícios em frente as janelas estavam iluminadas. Em todas as casas os cidadãos estavam tranquilos: viam televisão ou conversavam. Em todos reinava a segurança. Acompanhamos o jovem a sua casa. Deixou-nos pensativo. Sentimo-nos libertos de uma grande responsabilidade, porque estávamos seguros que também ele seguiria o caminho da nossa vida honesta e passaria a engrossar as fileiras dos construtores do socialismo.



O EXÉRCITO E O POVO

na Albânia

Na Albânia o exército é composto por operários, camponeses e trabalhadores intelectuais. Nasceu das massas populares durante a Guerra de Libertação Nacional contra os fascistas e os nazis; o povo criou o seu próprio exército, protegeu-o, alimentou-o e vestiu-o.

As unidades de guerrilheiros, das quais o nosso exército emergiu, ocuparam-se da Libertação das aldeias e cidades e ajudaram as massas populares a edificar o novo regime na forma de concelhos de Libertação Nacional e ensinaram-lhes o auto-governo.

A unidade exército - Povo teve o principal papel na Guerra pela Libertação do país e no estabelecimento do poder popular do Estado. Em seguida, esta unidade tornou-se ainda mais sólida na luta pela construção da sociedade socialista.

Na Albânia não é sequer possível pensar em separação, ou linha de demarcação entre o exército e o povo. O exército interessa-se no dia a dia pelos problemas do povo e este, por sua vez, está profundamente interessado em ter um exército forte e bem treinado.

Os soldados e os oficiais tomam parte juntamente com o povo em diversas actividades políticas, como eleger a Assembleia Popular, os Conselhos Populares das cidades e das aldeias, os juízes do povo, em comícios comemorativos, etc..

Os oficiais e soldados gozam dos mesmos direitos que os outros cidadãos, elegerem ou serem eleitos, para todos os órgãos do poder popular do Estado.

Os destacamentos militares tomam parte em todas as actividades artísticas, culturais e desportivas, regionais e nacionais, juntamente com todos os jovens, crianças das escolas, estudantes, operários, membros das cooperativas e empregados do Estado.

Há alguns anos atrás, dois distritos do nosso país, Dibra e Libranzhë, foram violentamente abalados por um tremor de terra durante o período mais difícil do inverno. De todos os distritos do país vieram membros do exército e

juntamente com o povo de outras regiões, reconstruíram as casas dos distritos atingidos. Os camponeses expressaram a sua mais profunda gratidão aos soldados e oficiais. Na época em que se electrificou o país os soldados e oficiais tiveram uma parte activa em trazer a electricidade para o campo. Sempre que os camponeses das cooperativas se atrasavam a semear ou nas colheitas, por causa do mau tempo, os soldados e oficiais eram quem primeiro vinha em sua ajuda.

É excusado dizer que em tais casos, como também nos contactos diários entre o povo e os soldados, a familiaridade, a amizade, o carinho entre os soldados e o povo cresce e fortalece-se.



Os elos entre o exército e o povo são também reforçados pelo fortalecimento das relações entre soldados e oficiais. Os oficiais vêm das massas populares. Têm por isso os mesmos interesses e obrigações.

O soldado considera os seus oficiais como seus chefes e camaradas, e o oficial considera os soldados como camaradas de armas. Os oficiais não usam qualquer sinal ou insígnia que os distinga dos soldados. As nossas regras e regulamentos não estipulam qualquer punição ou prisão para os soldados e oficiais. As únicas coisas que distinguem um oficial de um soldado são o seu uniforme, e uma maior instrução política, militar e cultural.

Como regra os oficiais levam a mesma vida que os soldados. Os jovens oficiais solteiros habitam nas casernas e tomam as suas refeições juntamente com

os soldados. Até mesmo quando comem em mesas separadas, as suas refeições são preparadas na cozinha comum, com pequenas diferenças de qualidade. Os oficiais tomam parte, lado a lado com os soldados, em todas as actividades militares ou económicas. Ao passo que nos exercícios militares os oficiais praticam o estilo de "faz como eu faço e trabalhemos juntos".

Os oficiais do Estado Maior juntam-se aos oficiais dos pelotões, companhias e esquadras quando as respectivas unidades estão em exercício ou frequentam cursos de estudo. Isto permite aos oficiais estar em contacto com os soldados, ouvir as suas opiniões, desejos e preocupações.

Nas reuniões que se fazem para discutir problemas políticos e militares, os soldados, tal como os oficiais, expressam-se livremente e fazem

propostas; os soldados podem criticar qualquer oficial cujo comportamento não tenha sido correcto: se se mostrar superior a os soldados ou se não estiver treinado segundo o melhor método.

Através da crítica e da autocritica, os soldados e os oficiais ajudam-se mutuamente a corrigir os erros e a formar a unidade no pensamento e na acção. Estas sinceras relações de amizade entre os próprios soldados e entre soldados e oficiais, torna-os mais convictos que o serviço militar é um dever para com a pátria e o povo, e dá-lhes excelentes recordações quando acabam o serviço militar. Muitos soldados, depois de saírem do Exército mantêm correspondência com oficiais de unidades, como sinceros camaradas.

Extraído de New Albania,
nº 1, 1973

Publicações da Associação

- Albânia - Terra do Homem Novo (esgotado)
- Os Trágicos Acontecimentos do Chile (esgotado)
- O Desenvolvimento da Agricultura na Albânia (esgotado)
- A Via Seguida na Albânia para a Colectivização Socialista da Agricultura
- Exército do Povo, Exército da Revolução (a reeditar)
- Albânia Socialista, País da Realidade Nova e do Homem Novo (esgotado)
- A Saúde Pública na Albânia (a reeditar)
- A Luta de Libertação
- A Estratégia e a táctica do PCA Durante a Luta de Libertação Nacional
- Comentário da Rádio Tirana
- Albânia - Terra do Homem Novo nº 1 (revista)
- Albânia, Farol do Socialismo na Europa
- Uma Mãe (conto)
- Como São as Eleições na Albânia
- ATSE (ATA) - Selecção de Notícias da Agência Telegráfica Albanesa do nº 1 ao 6 em português

O 1º DE MAIO-SOB O SIGNO DO I



As comemorações do 1º de Maio Desenrolaram-se sob o signo do internacionalismo proletário.



Dirigentes do Partido e do Estado no desfile do 1º de Maio e entre eles plenipotenciários da R.P.China, da assim como o encarregado de negócios



Desfile das forças voluntárias de auto-defesa popular

INTERNACIONALISMO PROLETARIO



tribuna central quando do grande
embaixadores extraordinários e
do Vietnã, do Reino do Camboja
e da República do Vietnã do Sul.



As massas aclamam o glorioso Partido do Trabalho
No cartaz lê-se: A nossa política é aberta, é uma
política dos princípios proletários.



O desfile na capital Tirana, terminou com o grupo artístico de teatro
de ópera e de ballet, com cantos e dansas populares.

PORQUE É QUE NA ALBÂNIA NÃO HÁ INFLACÇÃO

A economia capitalista mundial encontra-se a braços com uma profunda crise monetária cuja origem está na crise generalizada do sistema capitalista. Esta nova crise, apesar de estar na sequência das precedentes no sistema monetário capitalista, é muito mais profunda e vasta que as anteriores do período do após-guerra. Ao ser uma crise do dólar, a principal divisa de reserva, com a qual estão relacionadas as dos outros países capitalistas, esta crise atingiu tais proporções que faz estremecer pela base o actual sistema monetário capitalista.

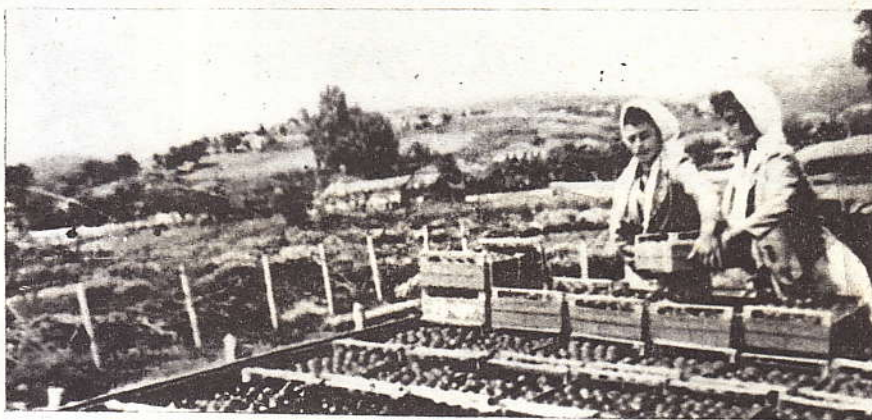
Sucede o contrário na República Popular da Albânia. Na Albânia socialista, tal crise não se

conhece, nem a inflação. O carácter do regime socialista, em que actuam as leis económicas objectivas do socialismo e se atende consequentemente a elas, desenvolvendo-se a economia e a cultura na base de um plano estatal único, isto é, de uma forma equilibrada e de acordo com os interesses do povo trabalhador, impede que tal coisa ocorra. Isto permitiu e permite que a produção se desenvolva sistematicamente e em ascensão, contrariamente ao que acontece nos países capitalistas em que impera a anarquia na produção, as crises económicas e o desemprego, esse mal crónico. Nestas circunstâncias, a economia da República Popular da Albânia

não dá aso ao aparecimento duma crise monetária e consequentemente à inflação.

Na República Popular da Albânia, a circulação monetária, assim como os ramos de produção material, seguem uma orientação planificada por parte do Estado, de acordo com as necessidades do desenvolvimento económico e cul-

do o volume da produção e da venda dos artigos de consumo popular, de acordo com as necessidades e com o poder de compra da população. O poder de compra da população é contrabalançado de maneira contínua, duma forma ininterrupta e sem variações, com a reserva necessária de mercadorias para venda que é sempre maior que o



tura do país. A estabilidade da moeda é assegurada, antes de tudo, com a quantidade de mercadorias que o Estado põe em circulação a preços fixos e planificados. Desta maneira, o povo encontra no mercado os produtos necessários, nas quantidades e variedades desejadas, e com preço único em todo o país. Em regime capitalista, os preços dos produtos seguem um curso espontâneo na base da oferta e da procura, no mercado e nas condições de uma feroz concorrência e luta por obter o máximo de lucro.

Na República Popular da Albânia, a oferta e a procura são orientadas de forma consciente por parte do Estado, planifican-

poder de compra da população.

No nosso trabalho de planificação, para se conseguir um desenvolvimento harmonioso da economia e uma estabilidade monetária, é utilizado o sistema de balanços materiais e financeiros, respeitando a proporção entre a produção e o consumo, entre a remuneração do povo e o aumento da produtividade do trabalho. É tarefa do plano económico estatal assegurar a si próprio os meios monetários suficientes para o processo de reprodução ampliada socialista, de acordo com as necessidades objectivas que a economia popular tem.

A estabilidade do sistema monetário da Repúbli-

ca Popular da Albânia deve-se também ao facto de que no plano do Estado as receitas são muito maiores do que os gastos. Os gastos previstos no plano são cobertos pelas receitas obtidas pela economia socialista, em constante desenvolvimento, sem necessidade de ser emitida uma quantidade tal de moeda que ultrapasse os limites exigidos pela reprodução

ampliada socialista. A aplicação rigorosa desta política monetária permite que na circulação, não haja moeda em excesso e que não se verifique o fenómeno da alta de preços como acontece na economia capitalista, que não se veja afectado o nível de vida dos trabalhadores, pelo contrário, esse nível se eleve sistematicamente, de acordo

com as tarefas fixadas nos planos económicos do Estado.

Durante todo o período da construção socialista do país, a moeda albanesa não conheceu nenhuma crise nem inflação. A confiança do povo na sua moeda - o LEK - é firme.

Albania Nueva, nº 1, 1975

UMA MANEIRA ERRADA...

... DE DIVULGAR A HISTÓRIA DA ALBÂNIA

Foi recentemente publicado um pequeno volume intitulado *Resumo da História do Partido do Trabalho da Albânia*, traduzido e editado por J. Luciano e incluído na série "Cadernos Maria da Fonte" com o nº 13. Apresenta-se o volume com uma intenção política sobre a qual não cabe à AAPA pronunciar-se.

A AAPA cabe unicamente alertar os amigos da Albânia para a maneira errada como é resumida a história do P.T.A.. Leia-se a "História do Partido do Trabalho da Albânia" na sua versão integral e compare-se a este resumo e ver-se-á quão dura foi a luta do povo albanês para levar a cabo a sua libertação, para conservar a sua independência ameaçada e trilhar a senda do progresso ao longo dos últimos 30 anos.

A vanguarda desta dura luta foi o Partido Comunista da Albânia, hoje denominado Partido do Trabalho da Albânia, partido que não caiu do céu completo e perfeito, impecavelmente esterelizado. Lutas intensas, erros e

traições assinalaram a história dos grupos comunistas implantados em determinadas regiões do país, a partir das quais se formou o Partido.

É precisamente a história dessas lutas, desses erros e dessas traições que o tradutor faz desaparecer totalmente e cortando toda e qualquer referência que no original se encontra. O mesmo acontece quanto às ideias correctas, cuja caracterização foi totalmente apagada, de tal modo que o leitor poderá ficar sabendo

apenas que se travou uma luta entre ideias correctas e incorrectas, mas não poderá caracterizar e portanto, distinguir umas das outras.

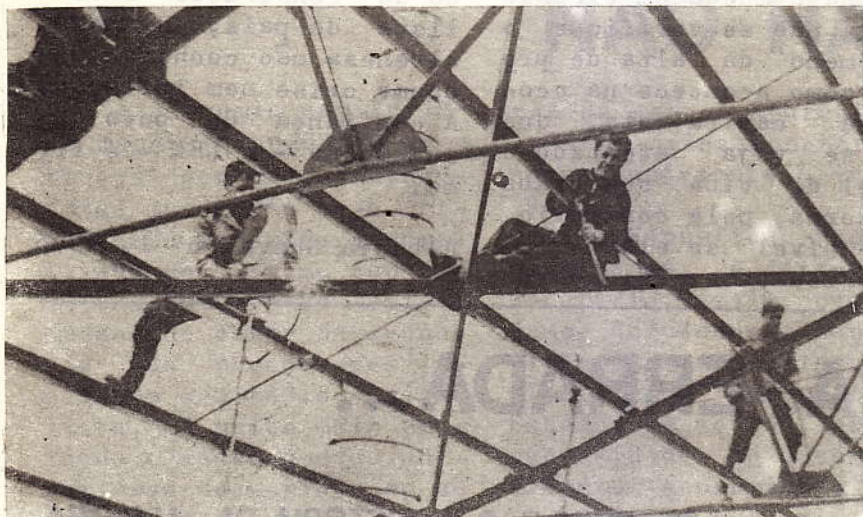
Também a luta anti-fascista travada por diversos povos, paralelamente à do povo albanês, os exemplos que iluminaram a via da libertação, as curtas referências biográficas a Enver Hoxha, sofreram o mesmo tratamento...

Diz o prefaciador que pretende transmitir ao leitor "ricos ensinamentos" com uma finalidade

política imediata e concreta. Pode ser que o consiga (as organizações políticas que se pronunciam se nisso tiverem interesse), mas o que decerto ele não faz é contribuir para a divulgação da realidade histórica, riquíssima, que é a experiência da libertação e desenvolvimento da Albânia nos últimos 30 ou 35 anos.



A CAUSA DA CRISE ALIMENTAR NO MUNDO



Nos fins de 1974 realizou-se em Roma a Conferência Mundial da Alimentação, em que participou uma delegação da R.P. da Albânia. Esta Conferência examinou a grave situação causada em diversas partes do mundo pela escassez de cereais e outros produtos alimentares, assim como as medidas que devem adoptar-se para remediar esta situação. Os representantes da maioria dos países amantes da Paz da Ásia, África e América Latina, preocupados por esta situação em que centenas de milhões de pessoas sofrem diariamente de fome, assinalaram com razão que isto é o resultado directo da exploração colonial e imperialista. Rebateram as teses apresentadas pelas potências imperialistas, que tentaram atribuir a razão da escassez alimentar com base nas condições atmosféricas, no crescimento da população, na crise pretensamente atribuída aos resultados das medidas tomadas recentemente pelos países produtores de petróleo em defesa dos seus direitos, etc.

A R.P. da Albânia, em conformidade com a sua política externa, também nesta Conferência expressou a sua completa concordância e solidariedade com a justa luta dos povos e países independentes e soberanos do mundo contra o imperialismo e o colonialismo, com os seus esforços no sentido de acabar com o subdesenvolvimento e a fome, com o livre e independente desenvolvimento económico e social. A delegação albanesa realçou na reunião plenária da Conferência que os principais factores responsáveis pela crise de produtos alimentares e em geral pelo acentuado desequilíbrio que existe em todo o sistema de relações económicas internacionais, são as seculares opressão e exploração coloniais, e a política de rapina praticada pelas potências imperialistas.

O povo albanês libertou-se uma vez por todas da opressão e da exploração, apoiando-se essencialmente nas suas próprias forças e pondo em jogo todas as suas energias, con-

quistou enormes êxitos, não somente no campo da alimentação, mas também em todos os campos da economia e da cultura. O problema de assegurar a alimentação, foi sempre considerado como um problema fundamental do nosso regime socialista. Paralelamente à dos cereais de panificação, intensificou-se com rapidez a produção de outros produtos agrícolas, tal como as plantas industriais, os legumes e a fruta. Em comparação com 1938, a produção agrícola global aumentou 3,5 vezes, enquanto a população cresceu 2,2 vezes. Somente no decurso dos últimos 13 anos, a partir de 1960, as superfícies irrigadas na Albânia duplicaram, o emprego de fertilizantes químicos quintuplicou, o número de tractores triplicou e o rendimento dos cereais duplicou ou triplicou.

A Albânia socialista está entre os países da Europa que tem menos terra cultivada por habitante, sem que por isso deixe de assegurar todos os produtos alimentares para o país.

"Hoje, as potências imperialistas - disse entre outras coisas o delegado albanês na Conferência - levando a cabo uma contínua agressão económica, utilizando os típicos métodos neocolonialistas, recorrendo a pressões e às aberturas conseguidas, converteram-se no principal obstáculo ao desenvolvimento livre e independente dos países

em vias de desenvolvimento e para a consolidação da sua economia nacional..."

As potências imperialistas tentaram servir-se da Conferência, onde no fulcro da discussão estavam a escassez alimentar e outras dificuldades dos países da Ásia, África e América Latina, para fazerem chantagens políticas e económicas. Dando ao problema uma aparência simplesmente técnica, esforçaram-se por demonstrar que a saída desta difícil situação consiste no aumento da produção a-

grícola que, segundo eles, se conseguirá através das suas "ajudas" e "créditos", por intermédio de organizações económicas controladas pelos seus monopólios, para continuarem assim, sob novas formas, a saquear os recursos naturais dos demais povos e países, para porem obstáculos ao processo do seu livre e independente desenvolvimento económico e social.

A Conferência de Roma demonstrou que os povos do mundo não se deixarão enganar com a política económica das potências

imperialistas, e que não temem as suas ameaças e chantagens. Tomam cada vez mais consciência de que os problemas do seu desenvolvimento económico e social e o estabelecimento de novas relações económicas internacionais se solucionarão unicamente intensificando a luta contra o imperialismo e o colonialismo, utilizando todos os seus recursos naturais, financeiros e humanos em benefício da sua emancipação e progresso.

in "Albania Nueva, nº1, 1975

GILBERT MURY

Secretário-Geral da Associação de Amizade

Franco-Albanesas, Faleceu

Transcrevemos aqui a notícia da morte de Gilbert Mury publicada no boletim ATA (Agência Telegráfica Albanesa).

Para além dum grande amigo da Albânia Socialista, o camarada Gilbert Mury contribuiu igualmente para o desenvolvimento da nossa Associação e da amizade entre o nosso povo e o povo albanês. Com efeito, foi ainda tendo á sua cabeça o camarada Gilbert Mury que as AAFAs delegaram um membro da sua presidência, A. Béhar, para vir falar aos comícios comemorativos do 30º Aniversário da libertação da Albânia, organizados pela nossa Associação onde foi também projectado um filme em

prestado pelas AAFAs. A participação nas comemorações do 30º Aniversário, o apoio geral dado ao desenvolvimento do nosso trabalho, sem no entanto interferir jamais na vida interna da Associação, foi para nós um grande estímulo e uma dívida para com a Direcção das AAFAs e em particular com o camarada Gilbert Mury.

TIRANA, 18/5/75 - No seguimento de uma grave doença, morreu em Paris o secretário geral das AAFAs conhecido jornalista francês, militante marxista-leninista, camarada Gilbert Mury.

Gilbert Mury era um grande amigo da República

Popular da Albânia e do Povo Albanês. Ele prestou uma grande atenção à consolidação da Amizade entre o povo francês e o povo albanês, foi um dos primeiros promotores da criação da Associação das Amizades Franco-Albanesas. Enquanto secretário geral

da dita associação desenvolveu uma vasta actividade organizando colóquios, conferências, exposições, etc, com o fim de dar a conhecer em França os progressos realizados pela República Popular da Albânia.

Gilbert Mury é autor do livro "Albânia- Terra do Homem Novo" e de uma série de artigos e reportagens onde realça a luta de princípios do Partido do Trabalho da Albânia contra o revisionismo moderno, assim como as realizações do povo albanês na edificação Socialista da sua pátria. A morte prematura não lhe permitiu completar o livro "Sobre o papel dirigente do PTA na luta pela Libertação e Edificação Socialista do País".

Gilbert Mury será sempre lembrado por nós como um amigo sincero da Albânia socialista e do povo albanês (Agência Telegráfica Albanesa).

Por ocasião do 31º Aniversário do Histórico Congresso de Permeti

O PODER POPULAR

Arma Poderosa

Para um futuro sempre mais radioso!

(extraído da:)

ATSH (ATA)
Agência Telegráfica Albanesa



Tirana, 24 de Maio / ATA /

O povo albanês festeja hoje, com legítima alegria, o 31º aniversário do Primeiro Congresso Anti-fascista de Libertação Nacional. Hoje, em Permeti onde, nos dias gloriosos da Luta de Libertação Nacional se realizou o Congresso e em outros distritos do país, realizaram-se diversas actividades consagradas ao aniversário deste acontecimento. Por seu lado, os jornais nos seus editoriais e noutros materiais, tratam hoje da importância deste acontecimento na história do povo albanês.

O Congresso de Permeti, escreve o "Zeri i Popullit", realizou o sonho mais puro e mais belo de todas as gerações. Ele lançou os fundamentos do nosso novo Estado, o Estado dos operários e camponeses. O Congresso adoptou, uma série de decisões que traduziam a política profundamente revolucionária marxista-leninista, do nosso Partido, decisões que abriram uma etapa muito importante na luta pela libertação completa do país e o triunfo da Revolução Popular. Depois de criar os órgãos supremos do poder popular, o Congresso de Permeti decidiu: edificar a nova Albânia democrática e popular segundo a vontade do povo solenemente expressa no Conse-

lho Antifascista de Libertação Nacional, interditar ao ex-rei Zog o regresso á Albânia, não reconhecer qualquer outro governo que se viesse a formar no interior ou no exterior do país contra a vontade do novo albanês, continuar com empenhamento a luta contra os ocupantes alemães e os traidores albaneses até á sua destruição completa e estabelecer o poder da democracia popular em todo o país. "Pelas suas históricas decisões-escrevia o camarada Enver Hoxha naquela época-o Congresso consolidou a Frente de Libertação Nacional, abriu vastas perspectivas á luta e deu ao poder uma forma concreta e nova, apropriada, às circunstâncias da guerra e em bases democráticas e progressistas. Este congresso é o coroamento da nossa grande luta e traz a vontade e os desejos de milhares de filhos do povo que sacrificaram a sua vida para que o povo albanês atingisse este dia e tomasse nas suas mãos as rédeas do movimento e formasse o seu próprio governo".

O Congresso de Permeti constituiu um exemplo brilhante da solução justa, corajosa e firme que o nosso Partido deu á questão do poder de Estado atendo-se com fidelidade aos ensinamentos do marxismo-leninismo. Ele nunca pensou que o inimigo se ia desfazer do poder voluntariamente; estando convencido, pelo contrário, que ninguém faz brinde da liberdade e do poder e que estes se conquistam ao preço de sangue e de sacrifícios, ele escolheu para este fim a via revolucionária do derrubamento pela violência do antigo poder anti-popular e, sobre as

suas ruínas, instaurou o poder popular.

Depois de analisar os sucessos obtidos durante os anos do poder popular, o jornal escreve :

O Partido dedica um cuidado particular a consolidar, democratizar e revolucionar de modo contínuo o nosso poder popular a ditadura do proletariado, atendo-se ao grande ensinamento de Lenine segundo o qual é mais fácil conquistá-la do que defendê-la. Tendo sempre em conta a triste experiência da União Soviética e dos outros países onde o capitalismo foi restaurado, o povo albanês, guiado pelo Partido, tem travado uma luta dura e contínua contra todas as tentativas de inimigos interiores e exteriores para derrubar o poder popular, quer organizando uma contra-revolução armada, quer por meio da contra-revolução revisionista "pacífica".

Para consolidar a ditadura do proletariado, o Partido do Trabalho da Albânia seguiu a via do aprofundamento da democracia de massas. A ditadura do proletariado e a democracia de massas não se excluem uma á outra, encontram-se em unidade dialéctica e formam um todo indivisível. No 6º Congresso do PTA sublinhou-se que sem uma democracia socialista, não há ditadura do proletariado, como não pode haver verdadeira democracia para os trabalhadores sem a ditadura do proletariado. É precisamente por esta razão que a força do nosso poder reside nas relações com as massas, no apoio poderoso que lhe dão a classe operária os camponeses inseridos nas cooperativas e os intelectuais populares.

O jornal não em evi -

dência a luta firme que levam a cabo os trabalhadores das cidades e dos campos, os órgãos de Estado, e da economia assim como as organizações de massas sob a direcção das organizações de base do Partido contra todas as manifestações de burocracia e de liberalismo que são encorajadas pela pressão ideológica do cerco imperialista-revisionista. A experiência prova de maneira incontestável como são falsas e perigosas as prédicas anti-marxistas dos revisionistas que visam enfraquecer, "democratizar" e "liberalizar" a ditadura do proletariado.

O jornal indica que é indispensável que os resultados obtidos na luta de classes ideológica contra as manifestações da burocracia e do liberalismo sejam mais aprofundados, pois é sómente deste modo que se pode impedir a via para a degenerescência da ditadura do proletariado, o nascimento do revisionismo na Albânia.

O "Zeri i Popullit" sublinha, concluindo : mais tempo passa e mais grandiosa surge a obra do Partido para a criação, a defesa e a consolidação do poder popular, mais alta ondula a bandeira triunfante do histórico Congresso de Permeti de 24 de Maio de 1944. A ditadura do proletariado na Albânia ergueu-se, ergue-se e erguer-se-á como uma rocha de granito. -+++

a vida da

ASSOCIAÇÃO

REALIZAÇÕES

Em Fevereiro, Março e Abril, a nossa Associação, levou a cabo vários colóquios com passagem de dia positivos em Vale de Cambra, Lobão (Lourosa) e S. Pedro da Cova, no Norte e em Lisboa e em Almada, no Sul. Nalguns destes sítios esteve exposta uma exposição sobre a RP da Albânia.

Em Maio, realizaram-se no Laranjeiro e no Lagoal perto de Almada dois colóquios em colectividades e em V.F. Xira onde esteve a exposição que foi em seguida para a Moita.

FOI ELEITO

O SECRETARIADO

No dia 21 de Dezembro, realizaram-se simultaneamente em Lisboa e no Porto, Assembleias Gerais para a eleição dos corpos gerentes. Estas AGs, embora não tivessem a participação numerosa das primeiras - cerca de 100 sócios estiveram presentes - foram um passo em frente na vida da nossa Associação, pois dotaram-na de um secretariado e de um programa que nos permitirá avançar com o trabalho.

O Secretariado tem-se preocupado em informar regularmente as autoridades albanesas da evolução do nosso trabalho e estabeleceu o intercâmbio com outras associações de amizade na Europa, em particular, com a AAFA - Associação das Amizades Franco-Albanesas.

De 2 a 8 de Junho a exposição esteve no quartel BHT na Trafaria e no dia 17 realizou-se uma sessão de diapositivos em Mafra, numa colectividade de soldados. Têm sido feitas igualmente bancas de venda de material na Lisnave, Siderurgia e outras fábricas.

No Norte, realizou-se em Junho uma sessão de diapositivos no Teatro Operário do Formigueiro que teve de ser interrompida, por motivos técnicos. No dia 12 realiza-se um colóquio na Associação Recreativa e Cultural de Barcelos.

Por outro lado, tem estado exposta na sede central uma exposição e todos os sábados os sócios, podem ver diapositivos.

Estes colóquios e sessões de diapositivos que tiveram uma afluência variável de 20 a 100 pessoas despertaram no geral, grande interesse, estabelecendo-se discussões animadas sobre os mais variados assuntos. No entanto, têm-se verificado várias insuficiências que se devem essencialmente ao facto de ser a sede central no Norte ou a de Lisboa a assegurar este tipo de trabalho e não os amigos da Albânia implantados localmente. Com efeito, são estes que conhecendo melhor a sua própria localidade, podem com a colaboração da sede em material, tomar a seu cargo estas iniciativas.

Dá a necessidade imperiosa para o desenvolvimento do trabalho da AAPA, a criação de comités locais, com vida própria.

MATERIAL...

MATERIAL DISPONÍVEL NA SEDE

Encontram-se na sede:

EXPOSIÇÕES ENVIADAS DE TIRANA:

"30 Anos de Socialismo"
"3ª Espartaquíada Nacional"

"A Saúde Pública"
"A criança na Albânia"
"O Desfile de 29 de Novembro"

"As Eleições na Albânia"
"O 1º de Maio - sob o signo do Internacionalismo Proletário".

EXPOSIÇÃO FEITA PELA ASSOCIAÇÃO:

"30 Anos de Construção do Socialismo na Albânia".

DIAPPOSITIVOS

Sobre a realidade Albanesa.

REVISTAS...

ENCONTRAM-SE À VENDA:

A revista Albania Nueva e edições seleccionadas em português do boletim ATA (Agência Telegráfica Albanesa), e outras publicações.

COLABORA ...

COLABORA ACTIVAMENTE NO DESENVOLVIMENTO DA AMIZADE ENTRE O POVO PORTUGUÊS E A RP DA ALBÂNIA

Na tua região ou localidade reunindo os amigos da Albânia, num Comité local da Associação e realizando um trabalho de informação sobre a RPA.

Na sede central, integrando-te nas secções e-

xistentes, - revista, brochuras, diapositivos, etc.

Em qualquer dos casos entra em contacto com o Secretariado na sede central, no Porto, ou no Sul com o comité local de Lisboa.

RÁDIO TIRANA

Das 06 h às 07 h
Das 08 h às 09 h
Das 09 h às 09,30 h
Das 11 h às 11,30 h
Das 19,30 h às 20 h

em 11 e 42 metros
em 31 e 42 metros
em 41 e 42 metros
em 25 e 31 metros
em 31 e 42 metros

Para estares informado das posições do Governo Albanês sobre todas as questões da actualidade albanesa e internacional, OUVI A RÁDIO TIRANA, voz da República Popular da Albânia; todos os dias, em ondas curtas.

PROGRAMA - EXTRACTOS

FORMAS ORGANIZATIVAS E TAREFAS CONCRETAS.

1- Os Comités Locais

A nossa Associação não pretende ser um círculo de amigos da Albânia, mas sim uma associação capaz de penetrar nas massas trabalhadoras, pois são elas que melhor podem apreender o exemplo que o povo albanês dá aos povos de todo o mundo. Para isso a associação deverá organizar -se localmente, agrupando em comités locais todos os amigos da Albânia de cada localidade ou região. São os Comités Locais os principais impulsionadores do trabalho de esclarecimento e divulgação da RP da Albânia pois são eles que estão em contacto directo com a população de cada região.

Por outro lado, a par-

ticipação dos associados na vida da associação, indispensável numa associação de massas, exerce-se no Comité Local, nomeada -mente através das AGs Locais, órgão de decisão máximo de cada Comité. As AGs Locais são efectivamente a garantia dessa participação e da democracia interna da Associação.

Em que consiste, pois o trabalho de cada Comité Local?

Em primeiro lugar cada Comité deve ter em conta a diversidade das pessoas a quem se dirige o seu trabalho e utilizar os mais variados meios ao seu alcance. Assim cada Comité pode organizar:

- reuniões a nível de bairro, fábrica, aldeia para divulgar a realidade albanesa;
- colóquios com passagem de diapositivos ou filmes

- exposições na sede do Comité, em colectividades, clubes de trabalhadores e outros locais de concentração popular;
- edições de pequenos textos sobre os aspectos da Albânia que mais acharem convenientes e comunicados sobre a actualidade política albanesa e as posições do governo albanês;
- sessões de esclarecimento sobre os fins da Associação.

Para este trabalho cada Comité Local poderá utilizar o material que a direcção nacional põe à disposição dos comités. Estes devem, no entanto, procurar realizar por si próprios certas iniciativas, como exposições, pois assim haverá uma maior autonomia, verificando-se um desenvolvimento mais rápido do trabalho da Associação.

